

FEMININA DE MENINA E MASCULINO DE MENINO: A LITERATURA INFANTIL NAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Tarissa Marques Rodrigues dos Santos*
Josiane Peres Gonçalves**

RESUMO: *A partir das indagações iniciadas na disciplina Gênero, Sexualidade e Educação ministrada no Programa de Pós-Graduação em Educação - Campus do Pantanal (PPGE/CPAN) acerca das relações de gêneros e as sexualidades com o intuito de serem debatidas no contexto escolar; que apresentamos a literatura infantil como um recurso que pode contribuir para desmistificar os pré-conceitos historicamente estabelecidos no meio social. O presente artigo teve por objetivo analisar os discursos socioculturais apresentados a partir dos estereótipos de sexualidade, interpretando os paradigmas culturais característicos dos assuntos relacionados às questões de gênero e sexualidade bem como os discursos sociais que estigmatizam os comportamentos de acordo com os gêneros. Para contextualizar esse pensamento, adotamos a obra literária “Feminina de menina e Masculino de menino” de Márcia Leite, visando aproximar a criança do texto ficcional mostrando um modo de ver que essas diferenças são culturais e que precisam ser respeitadas e problematizadas, os papéis de gênero, a realidade e a desigualdade nas relações, considerando as vivências ou experiências literárias que esses alunos carregam em sua jornada escolar; nesse sentido a literatura ajudaria as crianças a pensarem e enfrentarem seus dilemas identitários e culturais.*

PALAVRAS-CHAVE: *Literatura; gênero; sexualidade.*

ABSTRACT: *From the questions initiated in the discipline Gender, Sexuality and Education taught in the Graduate Program in Education - Campus do Pantanal (PPGE/CPAN) about gender relations and sexualities in order to be debated in the school context, which we present children's literature as a resource that can contribute to demystifying the preconceptions historically established in the social environment. This article aimed to analyze the sociocultural discourses presented from the stereotypes of sexuality, interpreting the cultural paradigms characteristic of issues related to gender and sexuality as well as the social discourses that stigmatize behaviors according to gender. To contextualize this thought, we adopted the literary work “Feminina de Menina e Masculino de Menino” by Márcia Leite, aiming to bring the child closer to the fictional text, showing a way of seeing that these differences are cultural and that they need to be respected and problematized, the roles of gender, reality and inequality in relationships, considering the experiences or literary experiences that these students carry in their school journey, in this sense, literature would help children to think and face their identity and cultural dilemmas.*

KEYWORDS: *Literature; gender; sexuality.*

INTRODUÇÃO

Ao se pensar nas questões de gênero e de sexualidade dentro das escolas, é preciso compreender que a natureza desses questionamentos dentro da sociedade ainda não é vista com bons olhos. Trabalhar com uma temática problemática requer uma atenção e sutileza que a literatura pode contribuir de modo expressivo para a formação de leitores críticos

na sociedade contemporânea, que sejam capazes de compreender que a diferença é constitutiva de nossas identidades. Freud (1989) no início do século XX causou um impacto ao apresentar a criança como um ser dotado de sexualidade, Freud apontava a importância da sexualidade para a constituição do sujeito, ampliando o conceito de sexualidade, dizendo que ela é inerente ao sujeito e que a sexualidade pode considerada como essência da atividade humana, sendo reconhecida como ponto de referência para a formação do psiquismo humano. No livro “O esclarecimento sexual das crianças (1907), Freud discutia a importância da sexualidade na constituição do sujeito desde a mais tenra idade:

[...] Na realidade o recém-nascido já vem ao mundo com sua sexualidade, sendo seu desenvolvimento na lactância e na primeira infância acompanhado de sensações sexuais; só muito poucas crianças alcançam a puberdade sem ter tido sensações e atividades sexuais [...] (FREUD, 1989b, p. 139).

E o que temos vistos nestes últimos anos é que há um medo em se discutir sobre sexualidades com crianças nas escolas, talvez pelo fato de temer serem mal interpretadas pelas famílias, ou muitas vezes por desconsiderar que a sexualidade possa existir na infância, e muitas das situações que envolvam a expressões da sexualidade entre crianças pequenas ainda são vistas com desconfiança por parte dos adultos, contrariando que é na infância que a criança começa a descobrir o seu corpo e a perceber que ele pode ser fonte de prazer, pois desde bebê quando recebe seu único alimento, já reconhece o seio materno como fonte de satisfação e isso vai ocorrendo em todo o seu percurso de crescimento, um carinho recebido por massagens, um toque no banho, a troca da fralda, e a partir que essa criança vai adquirindo outras capacidades como falar, caminhar, correr, ela descobre outros significados para o seu corpo.

Mas, aqui nesse texto pretendemos explorar além desse corpo físico em materialidade biológica, e sim além disso, como um corpo que resulta de uma construção cultural pertencentes em diferentes tempos, espaços grupos sociais, visto que, nas palavras de Louro (2011), [...] a nomeação do gênero não é, simplesmente, a descrição de um corpo, mas aquilo que efetivamente faz existir esse corpo – o corpo só se tornaria inteligível no âmbito da cultura e da linguagem.

1 A SEXUALIDADE NA INFÂNCIA E NA ESCOLA

Quando observamos uma criança no seu dia a dia, percebemos que ela brinca, inventa, produz e estabelece relações sociais que muitas vezes diferem da lógica de cultura que possui o adulto. Com o tempo ela acaba aprendendo, ajustando-se ao padrão social que já está estabelecido pelos adultos, ou melhor, por toda a sociedade. Por meio da linguagem possibilitaremos que igualmente a natureza social das pessoas se torne sua natureza psicológica.

Na infância, a sexualidade pode manifestar-se por meio das brincadeiras, nos momentos de descontração da criança, seja em casa com sua família, seja na escola. Neste sentido, acredita-se que a sexualidade da criança, no seu contexto infantil, é revelada a partir da experiência de prazeres com registros profundos de sensações que a memória do corpo não esquece, daí a importância de inserir essa temática no ambiente escolar, com muito cuidado ao se trabalhar com as crianças a temática, uma vez que irá gerar experiências muito significativas, experiências estas que a criança irá carregar para toda a vida, e a literatura é um aporte essencial nessa construção.

Em consonância com o pensamento de Louro (2011, p.6), quando coloca que “treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas de como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam”. A criança e a sexualidade são criações sociais ligadas às práticas nas relações e os modos de educação, que caminham e convivem juntas sob influências do meio cultural, neste âmbito a função do professor como o mediador no processo do desenvolvimento infantil deve estimular e facilitar essa desmitificação da sexualidade como um tabu, pois são os professores que terão que contribuir para que seus alunos tenham uma visão positiva e responsável da sexualidade, isto devido a proximidade entre professor e aluno dentro desse contexto escolar.

Para pensar a educação sexual dentro das escolas, a autora Xavier Filha (2017) explicita que deveríamos pensar na perspectiva da educação para a(s) sexualidade(s) como uma prática que permita a refletir, problematizar, desconstruir discursos que são considerados como possibilidades únicas, naturalizados e sacralizados culturalmente e assim permitindo-se novas formas de pensar e com isso estimular a inclusão dos estudos de gênero e sexualidades nas escolas. Dessa forma, a autora Déborah Britzman (1996) assim argumenta:

A sexualidade é qualquer lugar. Para que essas conversas se tornem até mesmos pensáveis em relação à educação é preciso que as educadoras e os educadores se tornem curiosos sobre suas próprias conceptualizações sobre o sexo, e ao fazê-lo, se tornem abertos também para as explorações e as curiosidades de outros relativamente à liberdade do ‘domínio imaginário’. (BRITZMAN, 1996, p. 109).

Nesse sentido, Louro (2011, p. 85) versa que “a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’”. Diferente do que muito ainda hoje se considera como normal e natural, a sexualidade não é dada pela natureza e, assim como o saber, também é construída socialmente e culturalmente. Nunes (1987, p. 30) afirma que: “A educação sexual é um fenômeno da sociedade. Não é uma tarefa primordial da escola, embora encontre nela um reforço institucional de suas bases sociais”. Nesse pensamento, podemos inferir que a sexualidade tem um caráter dinâmico e passível de mudanças não apenas pelas particularidades de cada cultura, mas também pelo modo singular com que cada pessoa

assimila a tradição social por meio dos seus rituais, suas linguagens e suas representações como um povo. Ainda Nunes (1987) afirma que:

Não se pode reduzir a sexualidade a um substrato único, imitável, eterno. A sexualidade, isto é, as qualidades, formas e significações da atividade sexual são históricas, processuais e mutáveis. Isto significa que a sexualidade está sempre aberta a novas significações, novas experiências de sentido. (NUNES, 1987, p. 17-18).

É notável que uma criança onde sua sexualidade foi bem trabalhada e bem desenvolvida será um adulto feliz, realizado, e muito bem decidido no aspecto pessoal e profissional. Neste sentido, ainda Nunes e Silva (2006) colocam que:

A sexualidade infantil é muito mais autêntica porque as crianças em geral não precisam provar nada a ninguém e também não estão preocupadas com os padrões de 'normalidade' que a sociedade impõe aos adultos. Reprimir a sexualidade da criança é reprimir seu corpo, que se constitui na base real de seu próprio ser, sua relação consigo mesma e sua personalidade. Porque, afinal, não existe uma separação entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta. Existe sim uma ligação única e uma continuidade entre elas, ou seja, são inseparáveis e consequentes. (NUNES, 2006, p. 52).

As temáticas da educação sexual necessitam estar presente nos currículos, nas escolas, nas salas de aulas, nas discussões, porque são constituintes de dos sujeitos e de suas identidades, e compreendida aqui neste texto como um processo histórico, cultural e social de construções de discursos legitimados, nas interações, nas construções de significados, pois entendemos que a sexualidade é uma dimensão que extrapola o componente biológico dos seres humanos, pois ao compreendermos que a escola é uma instância envolvida na produção de identidades sexuais e de gênero, precisamos pensar que o 'natural', no caso de homens e mulheres, se refere às características, atributos, funções, comportamentos e sentimentos considerados inerentes, comuns e universais, tomando dados biológicos como referência destas construções.

Louro (1997) explicita que enquanto educadoras/es, por desconfiar de tudo o que nos é dado como natural, voltando nosso olhar para todas as práticas cotidianas em que nos envolvemos e nas quais se envolvem os/as alunos/as, principalmente com relação as crianças, estar atenta nas brincadeiras e enxergar o momento da rotina da sala de aula para trazer as discussões da sexualidade. Pois são "as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvo de atenção renovada, de questionamento e, em especial de desconfiança" (LOURO, 1999, p. 63).

Enfim, é no espaço escolar que a educação acontece, ela é uma das responsáveis na construção de modelos, pensamentos. Concorda-se com Louro (2011) quando expõe que desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva, pois ela se incumbiu

de separar sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada da sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas.

2 AS MENINAS NÃO SÃO PRINCESAS E OS MENINOS NÃO SÃO HERÓIS

A literatura tem como característica a possibilidade de promover o alargamento do universo de verdades estabelecidas na realidade imediata vivida pela criança, seu afastamento de representações que contemplem outros modos de vida, diferentes do seu e do seu grupo, podem dificultar o entendimento do caráter histórico e construído da realidade. A Literatura é linguagem e, como tal, cumpre juntamente com outras artes, um papel comunicativo na sociedade, podendo tanto influenciar o público quanto ser influenciada por ele. A literatura nos permite "viver" outras vidas, sentir, outras emoções e sensações, e nos oferece determinada trégua dos problemas cotidianos a medida que descortina o espaço do sonho e da fantasia. Como proferiu Roland Barthes (1977, p.8), "a literatura assume muito saberes", e são esses saberes enraizados na cultura sexista dentro das escolas.

Para compreender o porquê de a literatura ser um recurso essencial dentro dos debates acerca de gênero e sexualidade, é preciso entender que todo comportamento dentro de uma sociedade tem uma base que se desenvolve e define como cada indivíduo deve estar posicionado dentro desta mesma sociedade. As civilizações, da qual todo o ser humano fez parte, em todos os períodos históricos, tem em sua construção, tradições, vivências, culturas e práticas.

Na verdade, quando se pensa em sociedade, seu desenvolvimento histórico e cultural, seu dinamismo, e sua construção mais crua, não passa despercebido como tudo isso se engloba e se firma em bases já pensadas que ditam como cada indivíduo devem pensar, agir e se expressar. Antônio Cândido (1981, p. 82), destacou que a literatura é uma força humanizadora, que exprime o ser humano e atua em sua formação, ela abre múltiplas interpretações e permite o encontro de si mesmo e do outro, instaurando a linguagem na sua dimensão expressiva. A criança é espontânea e expressa seus pensamentos e sentimentos de forma lúdica. A literatura aborda esses aspectos, aproximando-se do imaginário e do cotidiano infantil, possibilitando assim, a identificação da criança com a literatura e construção de identidades.

Para discutir e analisar os discursos socioculturais apresentados a partir dos estereótipos de sexualidade, interpretando os paradigmas culturais característicos dos assuntos relacionados as questões de gênero e sexualidade bem como os discursos sociais que

estigmatizam os comportamentos de acordo com os gêneros, elegemos a obra literária infantil da escritora Márcia Leite escrita em 2011: “Feminina de menina, masculino de menino”, visando que este texto literário ao ser usado na escola poderá aproximar a criança do texto ficcional mostrando um novo modo de ver que essas diferenças entre meninas e menino são culturais e que precisam ser respeitadas e problematizadas os papéis de gênero, a realidade e a desigualdade nas relações, considerando as vivências ou experiências literárias que esses alunos carregam em sua jornada escolar, nesse sentido a literatura ajudaria as crianças a pensarem e enfrentarem seus dilemas identitários e culturais.

Em “Feminina de menina e masculino de menino” (LEITE, 2011), a autora busca mostrar os discursos relativos às meninas do ponto de vista dos meninos e os discursos relativos aos meninos do ponto de vista das meninas. Nota-se nesses discursos as relações sociais e suas representatividades a partir de cada gênero dentro uma perspectiva sociocultural: “A inscrição dos gêneros - feminino e masculino - nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com marcas dessa cultura”. (LOURO, 2011). A escritora faz com que os leitores reflitam sobre o relacionamento entre os gêneros, deixando claro que a diversidade existe e que devemos ter respeito pelo outro. Louro (2014, p. 39) coloca que “é preciso desconstruir a polaridade rígida dos gêneros, e que a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução”.

Nessa perspectiva de desconstrução da oposição binária entre o feminino e o masculino, questionando a arbitrariedade e hierarquia que lhe são características, bem como o estabelecimento da sexualidade hegemônica como norma, que a literatura infantil representada pela obra “Feminina de menina e masculino de menino” pode ser considerada como um rompimento com a lógica dicotômica e aguçamento de pensar novas formas possíveis de se construir as identidades de gênero e sexualidade com crianças.

No texto de Leite (2011), a autora cria dois narradores que começam um embate sobre o que ser de meninas e o que ser de meninos, é uma narrativa muito rica em detalhes, bem construída, e leva a reflexão sobre o relacionamento entre ambos, mesmo em formato de competição, o qual as crianças têm fascínio por esse tipo de jogo no texto literário. Em um trecho do texto diz: “Alguém devia ter coragem de avisar essas meninas que elas não são as pessoas mais especiais do mundo. Nem as mais bonitas. Nem as mais perfumadas. Nem as mais delicadas” (LEITE, 2011, p. 08). Essa narrativa nos faz pensar sobre a perspectiva de Judith Butler (2015), por considerar que além do gênero, o entendimento acerca do sexo também deriva de uma construção social, pois “supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de ‘homens’ se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo ‘mulheres’ intérprete somente corpos femininos” (BUTLER, 2015, p. 24).

A narrativa nos faz pensar sobre a beleza, a leveza, a meiguice da mulher, caracterizada como frágil e sensível, características do feminino e como desmistificar a ideia de fragilidade feminina posta à sociedade, que muitas vezes são vistas como pressuposições binárias e como uma forma de estabelecimento das relações de poder, haja vista que são instituídas características diferentes e opostas para mulheres e homens. Enxergamos no termo “princesa” uma construção discursiva que possui efeitos sobre a vida de meninas e meninos, pois ele acena papéis a serem assumidos, assim como os hierarquiza e sobrepõe a sua conduta, ao seu comportamento (vestimenta, atitudes etc.) e até mesmo os sonhos que se deve sonhar; isto quer dizer, que ser uma princesa, implica, ao menos numa denotação tradicionalista, morar num castelo e se vestir bem (com vestidos cheios de glamour, joias, etc.), e essas tipologias estão longe da neutralidade, pois o termo princesa remete a características estereotipadas daquilo que se entende por adequado para meninas e, contraditoriamente, inaceitável para meninos.

Outra parte do texto aparece a reflexão: “Eles dizem que menino não chora. Mas quando um menino se machuca feio, ele não chora?” (LEITE, 2011, p. 11), questiona a autora. Esse trecho identifica o lado masculino, forte, machista, superior que não pode mostrar a fragilidade. Essa desigualdade entre homens e mulheres é uma construção social causada pelas relações que nela se desenvolvem, de acordo Louro (2003):

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos e femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo (LOURO, 2003, p. 28).

Foucault (1988) salienta que as “verdades” acerca da sexualidade são construídas e mantidas através do discurso de instituições de “saber” e “poder”, como por exemplo: a igreja, a medicina e a escola. Essa última conta com o apoio da literatura para disseminar as normas da sexualidade.

Segundo Aguiar e Bordini (1988), o livro é o instrumento que expressa todo e qualquer conteúdo humano individual e social de forma cumulativa. A partir da leitura, o indivíduo é capaz de compreender melhor sua realidade e seu papel como sujeito nela inserido. Os textos, especialmente os literários, são capazes de recriar as informações sobre a humanidade, vinculando o leitor aos indivíduos de outros tempos.

Segundo Yunes (1995), a leitura pressupõe fruição; ler é um ato que permanece vivo mesmo após o final da leitura, ficando internalizado no interior de quem lê. O ato de ler é inesgotável, continua a transmitir as sensações após o seu “suposto” término. Sobre o conceito de leitura, são pertinentes as palavras de Leite (1988):

A leitura, na verdade, é uma arte em processo. Como Goethe, poderíamos todos reaprender a ler a cada novo texto que percorremos. Mas há sobretudo muito a aprender quando percebemos que ler não é apenas decifrar o impresso, não é um mero “savoir-faire”, a que nos treinaram na escola, mas ler é questionar e

buscar respostas na página impressa para os nossos questionamentos, buscar a satisfação à nossa curiosidade. (LEITE, 1988, p. 91).

Cândido (2000) ainda acrescenta a literatura exerce influência no receptor, o que faz da literatura um instrumento poderoso de mobilização social. A Literatura, por relatar os mais diversos aspectos da vida do homem, torna-se importante aliada na construção da identidade e compreensão da relação que o homem obtém com o espaço, e abordar a literatura como um aparato de expressão do subjetivo e práticas sociais, pois, as crianças são desde cedo inseridas em práticas sociais que estabelecem fronteiras para os estereótipos de gênero.

A leitura tem esse papel social, haja vista que promove a autonomia e contribui para as práticas sociais dos indivíduos. Os leitores interagem com aquilo que lêem (tomam nota, refletem, criticam, emocionam-se) e isso faz com que as experiências de leitura evoquem vivências pessoais e proporcionem-lhes a reflexão sobre a própria identidade, reconstruída da experiência de vivente na fronteira, como afirma Loiva Félix que “A identidade tem que ser percebida, captada e construída e em permanente transformação, isto é, enquanto processo. Logo, a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo” (FELIX, 1998, p. 42).

É com base nessa perspectiva que Maria da Glória Bordini afirma que “ler é conhecer, mas também conhecer-se; é integrar-se em novos universos de sentidos; é abrir e ampliar perspectivas pessoais; é descobrir e atualizar potencialidades” (BORDINI, 1985, p. 27). Essa concepção de leitura como ato emancipatório ultrapassa os limites da escola, permitindo ao leitor a continuidade e o aprofundamento do seu conhecimento de mundo muito além do período de escolaridade.

A literatura infantil aparece como um instrumento de mediação e problematização das relações de gêneros e sexualidades construídas pelo imaginário social, para que, após a leitura das obras, crianças e adultos possam discutir as temáticas, estabelecendo relações entre os personagens e suas histórias fictícias com situações reais do cotidiano, constituindo uma atmosfera de liberdade de representação das ideias e valores dos sujeitos envolvidos de modo que os professores ultrapassem os papéis de meros transmissores/as de informação e atuem como produtores culturais profundamente implicados/as nas questões públicas educacionais e sociais, pois, conforme apresentado por Abramovitch (1989):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas faz (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (ABRAMOVITCH, 1989, p. 17).

Ler é criar consciência do que somos, é examinar o mundo em que vivemos para transformá-lo no mundo em que gostaríamos de viver. Zilberman (1990, p. 19) assegura que “o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências”.

Percebe-se nesse discurso as relações sociais apontadas pela autora e que são os mais diversos dentro de uma perspectiva das normas binárias que etiquetam padrões heteronormativos cultivados com muito afinco pela sociedade. Logo no início do livro a autora coloca que:

Alguém devia dizer para as meninas que elas não são princesas de verdade... Será que elas acreditam que os meninos existem só por causa delas? Como aqueles príncipes bobos, que aparecem no final dessas histórias de fadas, só para salvar a princesa? Alguém já pensou em contar para os meninos que eles não são heróis de verdade? Sabe o que eu acho? A verdade é que os meninos só conseguem bancar os heróis quando brincam de lutar com meninos menores que eles. (LEITE, 2011, p. 6-7)

As mulheres e os homens, no decorrer da história, desempenham papéis diferentes na sociedade, pois cada um exerce suas atividades e funções individuais, considerado assim o seu papel social. Dessa forma, os direitos, o papel e a identidade da mulher são muito discutidos por conta da desigualdade sexual. Assim como o homem as mulheres também estão envolvidas em um conjunto de caracteres particulares, formando ao longo da história a vida social feminina bem retratada nas falas de Leite (2011).

Ainda no texto literário, os estereótipos de feminilidade explicitados socialmente apontam para características opostas as masculinas: “Elas conseguem ficar cheirosas o dia inteiro, mesmo sem tomar banho. Elas são capazes de encontrar as coisas que a gente perde e pensa que nunca mais vai achar” (LEITE, 2011, p. 10). Nesse caso, as meninas aparecem como mais higiênicas do que os meninos, que se preocupam com a aparência, mais vaidosas do que os meninos e ainda levanta a questão do sexto sentido feminino quando essas são capazes de encontrar “as coisas” que parecem invisíveis aos olhos masculinos. E, afora tudo isso ainda tem a questão da confiança: “Todos os adultos, não sei por quê, sempre acreditam mais em uma menina do que em um menino” (LEITE, 2011, p. 16).

A construção do que é pertencer a um ou outro sexo, se dá pelo tratamento diferenciado para meninos ou meninas, inclusive nas expressões diretamente ligadas à sexualidade e pelos padrões socialmente estabelecidos. Foucault (2014) mesmo disse que: “estamos muito longe de haver construído um discurso unitário e regular da sexualidade” (2014, p. 63). E podemos perceber que esses estereótipos que a autora Leite (2011) traz em sua obra, está presente e impregnado na sociedade, que ainda cultiva raízes que reforçam muitos estereótipos preconceituosos sobre os papéis de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da Literatura Infantil temos a oportunidade de problematizar e ampliar os repertórios sobre as relações de gênero e sexualidade e, com isso, inferir que muitas histórias ainda contextualizam a normatização da sociedade, heterossexualidade e não trazem para o contexto da diversidade nas relações de gênero e sexualidade que encontramos. É por meio desta vivência com as histórias que aluno(a)s fazem a relação com o conhecimento adquirido no convívio escolar, formando sua identidade sexual/de gênero, e que diante da análise do enredo da obra “Feminina de menina e masculino de menino, é imprescindível que todos se conscientizem da importância que os dispositivos culturais têm, em destaque a Literatura, e do modo como influenciam as crianças. A literatura é uma forma de pensar no amanhã, refletir em um futuro de responsabilidade para construir um planeta com menos espaço para o preconceito e discriminação.

Como a escola é um espaço de formação, esta é responsável pela construção do conhecimento adquirido no seu entorno e tem a missão de desconstruir estereótipos de gênero e sexualidades, mesmo quando estes estão muito presentes em si. A leitura é uma forma de adquirir conhecimento, conhecer o outro, nos libertar de nossas maneiras convencionais de pensar a vida, ver o mundo com outros olhos por vezes derrubar barreiras fazendo-nos mudar a sociedade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BARTHES, Roland. **Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França**, pronunciado dia 7 de janeiro de 1977. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 8. ed. São Paulo: Queroz, 2000.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos**. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.

BRITZMAN, Deborah. **O que é esta coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo**. In: Educação & Realidade. n. 21(1), jan./jun., 1996.

FÉLIX, Loiva, Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FREUD, Sigmund. **O Esclarecimento Sexual das Crianças**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 9, pp. 137-144). 3.ed. Rio de Janeiro: Imago. 1989b. (Originalmente publicado em 1907)

FILHA, Constantina, Xavier. (2017). **Educação para a(s) sexualidade(s): carregar água na peneira?** Diversidade E Educação, 5(2), 16–39.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France**, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2ª ed. São Paulo. Edições Loyola, 2014.

LEITE, Lígia, Chiappini, Moraes. **Invasão da catedral: literatura e ensino em debate**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

LEITE, Márcia. **Feminina de menina, masculino de menino**. Rio de Janeiro. Casa da Palavra, 2011.

LOURO, Guacira, Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LOURO, Guacira, Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, Guacira, Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”**. In: LOURO, Guacira Lopes; GOELLNER, Silvana Vilodre.; NECKEL, Jane Felipe (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade. Um debate contemporâneo na Educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

NUNES, César, Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas: Papyrus, 1987.

NUNES, César; SILVA, Edna, Bombardi. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas: Autores Associados, 2006.



ZILBERMAN, Regina; SE da. (Org.). **Literatura e pedagogia: Ponto e Contraponto.** Série Confrontos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

*Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mestra em Estudos Fronteiriços pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: tarissamarques@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2333-7856>

**Pós-Doutora e Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Permanente dos Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal (UFMS/CPAN). E-mail: josiane.peres@ufms.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7005-849X>